



## **Histórias em quadrinhos e relações internacionais: análise das edições do Capitão América publicadas entre 2017 e 2018**

José Carlos da Silva Cardozo\*

**Resumo:** O presente texto busca compreender as Histórias em Quadrinhos (HQs) como um produto social que revela várias das características de uma época, para tanto, será analisado as HQs do Capitão América, sua trajetória até o presente momento, para refletir sobre o período de sua produção e os debates em que o mesmo personagem foi inserido. Abordar as HQs no ensino de história das relações internacionais é uma forma de tornar não só mais atrativo o conhecimento, mas, principalmente, dar mais dinamicidade a abordagem de temas pertinentes ao ensino de forma mais atrativa e contemporânea para o educando, bem como abordar questões mais latentes da sociedade, com o preconceito racial ou sexual.

**Palavras-Chave:** Histórias em Quadrinhos. Relações Internacionais. Ensino.

## **Comics and international relations: analysis of the issues of Captain America published between 2017 and 2018**

**Abstract:** The present text seeks to understand the Comics as a social product that reveals several of the characteristics of an era, for that purpose, Captain America's Comics will be analyzed, its trajectory until the present moment, to reflect on the period of his production and the debates in which the same character was inserted. Approaching comic in the teaching of history of international relations is a way of not only making knowledge more attractive, but, more importantly, giving more dynamism to the approach of topics relevant to teaching in a playful and attractive way for the student, as well as addressing more latent issues of society, with racial or sexual prejudice.

**Keywords:** Comics. International relations. Teaching.

### **Introdução**

Quem não gosta de ouvir ou ler uma história? Independente de ela ser boa ou ruim (isso depende do gosto pessoal), a grande maioria das pessoas se encanta com narrativas (ficcionais ou não) que permitem adentrar num mundo novo ou nem tão novo assim. Se levarmos somente em conta a leitura, ficaríamos encantados (para não dizer surpresos) com as possibilidades que essa atividade trás ao nosso corpo e em especial as faculdades neurológicas que são estimuladas a serem mais ativas, potencializando o cérebro para atividades ligadas a

---

\* Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutor e Pós-Doutor em História Latino-americana. Editor da Revista Brasileira de História & Ciências Sociais.



compreensão e concentração, a memória e a consciência, ou seja, ler desenvolve o cérebro (DEHAENE, 2012).

Desde pequenas, as crianças são estimuladas pela linguagem visual que as formas possuem, é fácil, por exemplo, perceber os adultos incentivarem seus pequenos a ouvirem e verem histórias, como as fábulas. Com o passar o tempo outros estímulos vão sendo aplicados no e para o desenvolvimento das crianças, mas as histórias continuam presentes na vida dos pequenos por meio de desenhos autorais, ouvindo os “causos” dos mais velhos, situações que os amigos contam ou mesmo por meio de desenhos animados na televisão ou de histórias em quadrinhos, artes gráficas das mais diversas, enfim, as histórias (ficcionais ou não) transpassam a existência de quase todas as pessoas.

Mas o que isso tem a haver com Relações Internacionais? Há muitas possibilidades de pesquisas que estão por detrás das “cortinas” das instituições e da sociedade de forma geral, “esperando” para serem vistas, problematizadas, organizadas, analisadas e explicadas pelos pesquisadores. E aqui neste texto estamos propondo fazer um recorte cirúrgico num produto da sociedade que remonta ao final do século XIX: as histórias em quadrinhos (HQs), em especial analisar as edições do Capitão América publicadas entre os anos de 2017 e 2018 e relacioná-las com a situação que os Estados Unidos da América (EUA) esteve e está vivendo atualmente.

Se valendo dos pressupostos da semiótica da cultura (VELHO, 2009), que compreende a cultura como uma forma de linguagem, expressões que transbordam a esfera social, percebendo-a como sistemas de textos conectados por linguagens secundárias; este texto busca realizar um percurso sobre as primeiras edições da revista do Capitão América para, logo a seguir, deter maior atenção nas edições publicadas no biênio 2017-2018 e analisar as correlações externas que impulsionaram o roteiro e a arte nesta HQ a tratar de discussões sociais candentes dos EUA.

Não é novidade entre os especialistas em Relações Internacionais e História que os EUA estão a “tatear” o cenário internacional no século XXI, buscando se recolocar no mesmo após o fim da Guerra Fria, diante do fracasso da política neoliberal e tentando se posicionar na nova realidade multipolar<sup>1</sup>. Mas então, partindo desse ponto, por que analisar os EUA por meio das HQs do Capitão América? Ampliando ainda mais o questionamento, por que se

---

<sup>1</sup> Para maiores informações, dentre outros autores, ver: VIZENTINI, 2005; PECEQUILO, 2012; HOBBSAWN, 2015. STUENKEL, 2018.



valer de histórias em quadrinhos para analisar e explicar um país? As HQs são instrumentos adequados para pesquisa?

Não é incomum verificar que, em se tratando de estudos formais (ou acadêmicos propriamente), as HQs são percebidas com certa desconfiança ou jocosidade por parte de vários profissionais (e mesmo do público em geral), sendo elas consideradas “coisas de crianças” que não deveriam de estar presentes em pesquisas ditas “sérias” ou mesmo em sala de aula, fazendo parte do cotidiano de ensino-aprendizagem dos educandos. Mas essa percepção vem se atualizando, principalmente com a ampliação dessa fonte de pesquisa pelas ciências da comunicação e dos estudos culturais, os quais possibilitaram que os meios de comunicação fossem analisados em suas especificidades e seus impactos na sociedade. E as HQs são um veículo de comunicação de massa.

Waldomiro Vergueiro, um dos principais nomes na pesquisa em HQs no Brasil, fundador e coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Universidade de São Paulo (USP) – principal centro de pesquisa e promoção de livros sobre a temática – nos diz que:

De certa maneira, entendeu-se que grande parte da resistência que existia em relação a elas [as HQs], principalmente por parte de pais e educadores, era desprovida de fundamento, sustentada muito mais em afirmações preconceituosas em relação a um meio sobre o qual, na realidade, se tinha muito pouco conhecimento. A partir daí, ficou mais fácil para as histórias em quadrinhos, tal como aconteceu com a literatura policial e a ficção científica, serem encaradas em sua especificidade narrativa, analisadas sob uma ótica própria e mais positiva (VERGUEIRO, 2018, p.17).

Vergueiro (2018) nos explica que foi na década de 40, por meio de um psiquiatra alemão radicado nos EUA<sup>2</sup>, que as histórias em quadrinhos começaram a ser vistas com desconfiança pela sociedade por colocarem em riscos as crianças e adolescentes, os tornando sujeitos de comportamento desviante; as HQs eram um risco a sociedade. Como consequência dessa campanha moralizadora que teve grande número de adeptos ao redor do mundo, muitas editoras foram fechadas e uma política de controle social foi instituída, sem mencionar que isso “fez com que qualquer discussão sobre o valor estético e pedagógico das HQs fosse

---

<sup>2</sup> Fredric Wertham era psiquiatra-chefe do maior hospital de New York - Bellevue Hospital - e na época um médico que tinha ótima reputação entre os setores conservadores da sociedade; é considerado o “pai” da insinuação de que Batman e Robin eram homossexuais. Em seu livro, esteio dos insuflados debates contra as HQs, intitulado *Seduction of the innocent* e publicado originalmente em 1954, afirmou, com base nos registros extraídos de sua clínica psiquiátrica, que adolescentes e jovens estavam sendo encaminhados para a delinquência, a homossexualidade e tendências fascistas por causa das histórias em quadrinhos.



descartada nos meios intelectuais, e as raras tentativas acadêmicas de dar algum estatuto de arte aos quadrinhos logo seriam encaradas como absurdas e disparatadas” (VERGUEIRO, 2018, p. 13).

Situação que mudaria de forma muito lenta a partir da década de 70 quando, primeiramente na Europa, foi se ultrapassando o imaginário de que as histórias em quadrinhos afastavam as crianças e os jovens de “objetivos mais nobres” ou “leituras mais sérias” para serem percebidas como apoio aos temas escolares de forma lúdica, inicialmente na forma de ilustrar algum conteúdo, atualmente, como podemos perceber, fazendo parte de estudos – como objeto próprio – em centros de pesquisa de excelência. Igualmente é digno de registro que no Brasil as HQs também são estimuladas a serem utilizadas na produção de material didático e na prática docente, ações respaldadas pela LDB<sup>3</sup> e pelos PCNs<sup>4</sup>.

Dessa forma, a passos largos, os pesquisadores e as instituições estão superando essas desconfianças iniciais nas HQs e as colocando como fonte de pesquisa e objeto de análise de uma gama de problemáticas e áreas do conhecimento. Nossa proposta, como já afirmamos, é analisarmos a sociedade estadunidense por meio das histórias em quadrinhos do Capitão América (as que estaremos nos debruçando foram as publicadas originalmente entre os anos de 2017 e 2018) e como elas refletem a cultura e a política nesse período.

Mas há espaço para esse tipo de análise nas Relações Internacionais? Não estaríamos nos afastando de problemas mais emergentes no cenário nacional ou internacional desse país e isso, conseqüentemente, não necessitaria de outra fonte de pesquisa? Com Renouvin (1994), Duroselle (2000) e outros, o campo de estudo da História das Relações Internacionais foi grandemente alargado quando se avançou de enfoques da chamada “história diplomática”, baseada na documentação oficial (tratados) envolvendo grandes potências e impérios ou mesmo aquela assentada em grandes figuras do estado (agentes públicos), para análises que incluíssem a dimensão social nas e das relações internacionais, possibilitando vislumbrar a diversidade de fatores e a interdependência de variáveis sociais, permitindo a complexificação dos processos políticos, econômicos e sociais internos e externos de um Estado.

Dessa forma, e por tudo que estamos afirmando, as HQs são objeto legítimo de análise e merecem atenção dos pesquisadores em relações internacionais. Ao reforçar nossa posição sobre a fonte de estudo, é igualmente oportuno dizer que nossos argumentos teóricos estão

<sup>3</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

<sup>4</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais que são as diretrizes elaboradas para orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais de cada disciplina.



embasados na concepção realista<sup>5</sup> das relações internacionais e no uso do *soft power*<sup>6</sup> ao *inverso*, ou seja, por meio das HQs do Capitão América (material de circulação e consumo cultural em massa, tanto em nível local quando internacional) será questionada justamente a capacidade dos EUA de transparecer sua política interna e ao mesmo tempo influenciar os outros Estados (ou indivíduos) a fazerem (ou aceitarem) o que se quer por meio da cultura ou da ideologia, da atração e persuasão, enfim, aceitarem e apoiarem suas decisões. Por meio das HQs se verá que o discurso externo é muitas vezes diferente do praticado internamente pelo próprio Estado.

Antes disso, cabe percebermos quem é o Capitão América e a sua singularidade na cultura dos EUA.

### A “América” ao longo dos tempos

O personagem Capitão América, ou Steve Rogers, foi criado no ano de 1941 por Joe Simon (Joseph Henry Simon) e Jack Kirby (pseudônimo de Jacob Kurtzberg) durante a II Guerra Mundial (antes da entrada oficial do EUA no combate) e lançado em Março de 1941 numa HQ homônima pela editora Timely Comics, empresa que 20 anos depois seria a editora Marvel Comics<sup>7</sup>, a qual detém os atuais direitos de publicação da HQ, sendo comercializado na época pelo valor de 10 centavos de dólar. É interessante salientar duas curiosidades: que o nome inicial do título seria *Super American*, mas Simon (roteiro) optou pelo nome atual e que Kirby (arte) era norte-americano de ascendência austríaca-judaica. Essas informações poderiam soar desprezíveis, mas elas ajudam a depreender que se tratava de um projeto maior de valorização do estadunidense (ou mesmo do sonho americano), bem como reforçam a capacidade de liderança e força que o país possuía e deveria de retomar no cenário internacional (como já o fizera na I Guerra Mundial quando derrotou o Estado alemão), assim, esses dados somados em destaque a origem de Kirby, permitem aventar haver “fortes razões pessoais para criar um herói que lutava contra o nazismo, cujo anti-semitismo era notório”

---

<sup>5</sup> Por meio dessa perspectiva, se percebe o Estado como ator unitário e racional, cercado por uma estrutura de permanente conflito e num sistema anárquico, ainda nesse modelo de interpretação das relações internacionais, verificasse que a ausência de uma força supranacional, capaz de conter os agentes individuais (estados), deixa uma lacuna que limita a possibilidade de que esses agentes obtenham a assistência de um terceiro para dirimirem seus litígios. Sendo assim, em razão do “egoísmo” dos estados e da “anarquia” internacional, o poder (coercitivo) é revestido em função central nas relações internacionais, distanciando a cooperação interestatal e privilegiando os fenômenos de dominação e exploração.

<sup>6</sup> Para maiores informações sobre o conceito de *soft power*, recomendamos ver: NYE, 1990; NYE, 2004.

<sup>7</sup> Antes de ser rebatizada em definitivo em 1961, a editora Timely (fundada em 1939), nos anos 50, tinha adotado o nome Atlas Comics. Ver: HOWE, 2013.

(VILELA, 2018, p. 113), sendo a imagem da capa da edição de estréia um soco dado pelo herói no então líder da Alemanha Adolf Hitler (Imagem 1).

**Imagem 1:** *Captain America*, número 1, de Março de 1941.



**Fonte:** Marvel Comics.

É significativo o “convite” que a HQ trazia contra o isolacionismo dos EUA na política internacional (Tradição de Washington), pois o personagem título da revista tinha em sua alcunha o nome do país (na verdade do continente), sua roupa era a própria estilização da bandeira nacional dos EUA e sua única arma um escudo (que poderia demonstrar o caráter pacífico de suas intenções – a proteção). Hitler aparece unicamente na capa, não há sua presença na história em si, mesmo assim, a mensagem que a arte transmite é suficiente, um herói estadunidense (imaginário) invadindo o quartel general (altamente protegido – simbolizado pela quantidade de pessoas armadas e tiros), dando um “super” soco no líder (real) da nação que estava planejando atacar os EUA (o mapa sobre a mesa indica isso) e promovendo (as imagens no vídeo ao fundo da sala apontam nessa direção) um ataque contra uma fabrica de munição estadunidense. É significativo que após o primeiro número, as edições seguintes (mensais) começam a vender na casa dos “milhões” de exemplares (HOWE, 2013).



A Tradição de Washington, fundada na postura do primeiro presidente do país, é sustentada em duas proposituras seguidas ao longo dos anos para o exercício do poder nacional:

[...] o isolacionismo, que pressupõem um claro distanciamento do mundo, preservando o país [...] e a do internacionalismo unilateral, recorrente nas relações internacionais. O unilateralismo permite garantir ao país maior margem de manobra e liberdade, guiando-se somente por seu interesse nacional. Os norte-americanos não deixarão de agir no mundo, mas o farão somente de forma tópica, em alianças não permanentes e em situações e clara necessidade (PECEQUILO, 2012, p. 3).

A postura do presidente Woodrow Wilson (1913-1921), conhecida como Idealismo Wilsoniano, buscou superar essa tradição frente aos acontecimentos ocorridos na Grande Guerra (1914-1918) – como era então chamada a I Guerra Mundial, pois não se imaginava que haveria outra – em que se almejou uma maior participação dos EUA na política e no cenário internacional por meio da criação de uma organização supranacional que pudesse congrega as nações e organizações internacionais e nela serem tratados os temas pertinentes para fortalecer as relações diplomáticas e de cooperação, tudo isso com o objetivo de serem evitados os conflitos armados. Nascia a Liga das Nações.

A Liga das Nações, embrião das Nações Unidas, seria composta por todos os Estados do sistema internacional, defendendo a segurança coletiva. [...], a autodeterminação dos povos visava garantir o direito de autogoverno de grupos sociais que possuíssem uma identidade cultural, étnica e religiosa comum que os qualificasse a reivindicar a soberania. A visão de Wilson quebrava paradigmas de não engajamento e distanciamento norte-americano do mundo, prevendo uma participação ativa e permanente nos assuntos internacionais, que lança as bases do internacionalismo multilateral (PECEQUILO, 2012, p. 4).

Contudo, o Congresso Nacional não autorizou a entrada do país na organização por justamente romper com a política externa adotada até então, somando a isso, na década de 20, o país foi o epicentro da Grande Depressão de 1929, situações que fortaleceram a ideia de isolamento e o unilateralismo.

Essa perspectiva somente começaria a mudar após a entrada do país na II Guerra Mundial (1939-1945), especialmente com o ataque a base naval havaiana de Pearl Harbor, ocorrida no dia 07 de dezembro de 1941; quatro meses depois do ataque a capa da HQ do Capitão América (Imagem 2) recupera o enfrentamento com outro personagem real, o general do exército japonês Hideki Tojo, agora acrescida de uma frase da boca do Capitão América:

“Você começou isso! Agora, nós iremos terminar!”. Esta frase não é algo casual, mas representou o pensamento da sociedade estadunidense de então: não queríamos participar, mas fomos forçados a isso.

**Imagem 2** - *Captain America* número 13, Abril de 1942.



Fonte: Marvel Comics.

Frente a essa quantidade de referências ao patriotismo estadunidense, não é estranho verificar que o próprio governo dos EUA comprou várias edições da revista do Capitão América (por isso das vendas estratosféricas das primeiras edições da revista) para distribuir no *front* para seus soldados ou mesmo usou o rosto do Capitão América para motivar outros a se juntarem as forças armadas do país (HOWE, 2013).

**Imagem 3:** *Captain America* número 13, Abril de 1942, p.56 e **Imagem 4:** *Captain America* número 17, Agosto de 1942, p.67.





Fonte: Marvel Comics.

É significativo perceber que dentro das próprias edições da HQ havia menções a importância de não esquecer o que fez o país entrar no conflito (Imagem 3) e, tal qual a postura do emblemático “Tio Sam”, em determinado trecho do texto da Imagem 4 o Capitão América dirigindo-se aos leitores da HQ (ou seria ao povo dos EUA) diz: “Sentir que você está conosco a cada passo do caminho nos faz sentir bem – fortes!”, ou seja, o apoio interno era tão importante quanto as ações que as forças armadas estavam fazendo.

Essa pequena incursão sobre alguns detalhes pontuais das primeiras edições da HQ do Capitão América já foi possível deixar claro seu envolvimento efetivo, enquanto personagem e até como mediador político-social, na vida pública dos EUA na década de 40.

Quando acabou o conflito real (1945), o roteirista e o artista trouxeram o Capitão América para “casa”, mas sem um inimigo, digamos, a altura do combatente militar que conseguisse chamar a atenção do leitor, uma vez que o herói foi colocado para enfrentar a criminalidade corriqueira, os roteiristas voltaram a buscar no “mundo real” inspiração para uma nova cruzada do Capitão América. Com política de senador Joseph McCarthy<sup>8</sup> de ação

<sup>8</sup> O Macartismo foi uma política (ou movimento político), entre os anos de 1950 e 1957, caracterizado pela intensa repressão e perseguição política, que se valia de métodos de censura e difamação até a prática de



contra os comunistas no país, o herói foi colocado para atuar contra traidores, espões e propriamente comunistas, mas as histórias não cativavam mais os leitores como antes (devido principalmente a essa política ter se tornado uma verdadeira caçada cega – ou nem tão cega contra os desafetos do senador – a toda e qualquer pessoa com acusações improcedentes e pouco fundamentadas de ações comunistas) e a revista foi cancelada no número 75 (de fevereiro de 1950) pela editora Timely Comics.

A HQ do Capitão América ainda seria revivida pela editora Atlas Comics (segundo nome adotado pela editora) no ano de 1954, mas com duração curta de apenas 3 edições. Sem um contexto apelativo que justificasse a presença do herói, suas histórias não empolgavam mais e suas baixas vendas justificavam o cancelamento do título.

É interessante perceber que o desenvolvimento das histórias do Capitão América, ou pelo menos as que tiveram maior recepção dos leitores (pelo número de vendas e continuidade delas) foram justamente aquelas que se valeram de um contexto real em que o fictício personagem enfrentava um desafio real e, por assim dizer, histórias que envolviam, ou poderiam envolver, uma pessoa comum.

Somente 10 anos depois (1964) é que o Capitão América voltaria a aparecer numa HQ, agora pela editora Marvel Comics, por meio das mãos do roteirista Stan Lee (Stanley Martin Lieber) e novamente pelas mãos do artista Jack Kirby, fazendo parte de um grupo de heróis chamados Vingadores (Imagem 5). O roteirista Lee explicou a ausência do herói nos últimos 10 anos devido ao fato de que ele havia sofrido um acidente, ficando congelado desde o período do fim da II Guerra Mundial e até aquele momento (para explicar esse retorno e diferenciar o atual personagem das ações do embaixador no período da caçada aos comunistas, explicou que o “caçador” era outro personagem – William Burnside – que gostava do herói e se vestiu como tal para enfrentar os comunistas, reforçando que as ações – errantes – desse período não eram do verdadeiro Capitão América Steve Rogers)

---

acusações processuais de traição ou subversão contra pessoas pretensamente comunistas ou simpatizantes nos EUA.

**Imagem 5:** Capa de *The Avengers*, número 4, Março de 1964.



Fonte: Marvel Comics.

Após quatro anos do retorno a vida do Capitão América “original”, ele voltaria a ter uma HQ com título próprio, Capitão América número 100, de abril de 1968 (dando continuidade a sequencia numérica encerrada quatorze anos antes). Depois de dezessete edições, é introduzido um novo parceiro para o Capitão América: Sam Wilson, personagem negro e um dos primeiros heróis afro-americanos presente HQs (Imagem 6). Esse novo parceiro veio cobrir uma lacuna existente desde o fim da II Guerra Mundial, pois seu antigo escudeiro Bucky – acreditava-se – havia morrido no conflito mundial. Nas edições seguintes, como seria possível imaginar devido ao passado extremamente sectário dos EUA, as questões raciais começam (de forma breve) a serem discutidas nas histórias do Capitão América e seu parceiro o Falcão, saindo um pouco das histórias de aventura fantasiosas de até então para situações mais reais, recuperando a receita de sucesso das primeiras edições da HQ.

**Imagem 6:** *Captain America* número 117, de Setembro de 1969.



**Fonte:** Marvel Comics.

Muito por trás da mitologia da história do Capitão América “original” consiste em percebê-lo como um personagem “fora do seu tempo”, devido ao período em que esteve congelado, e que retorna a vida ainda crendo ser um militar, lutando contra regimes antidemocráticos e defensor das instituições de seu país, mas a realidade bélica imaginária em que as histórias do Capitão América transitavam já não comungavam com a situação real em o próprio país estava imerso em finais dos anos 60 e início dos 70, quando o sentimento antiguerra provocados pela Guerra do Vietnã estava extrapolando os gabinetes e foros íntimos e avançando para ganhar as ruas.

Novamente, e muito devido ao cenário social descrito anteriormente, o título não ganha projeção entre leitores e novos leitores do embandeirado; contudo, quando o roteirista Steve Englehart teve uma ideia original e surpreendente para tentar salvar o título que estava em baixa (de um personagem que representava um oficial do exército, que vestia a bandeira dos EUA como uniforme e que defendia a todo custo os “interesses” do país), com esse novo enredo a situação começou a mudar e o título volta a receber atenção do público leitor/consumidor.

O roteirista cria um arco no qual o próprio personagem – ao final – desiste de ser o Capitão América, só por isso já seria impactante, mas o fim não interessa tanto quanto os momentos que o antecede. Inicialmente, o personagem é submerso numa conspiração que

tinha por objetivo macular sua reputação na opinião pública estadunidense, mas, ao empreender uma investigação, descobre um enredo maior que envolvia corrupção dentro do próprio governo dos EUA orquestrada por uma organização chamada Império Secreto. Na conclusão do arco, o Capitão América luta com os membros dessa organização (retratados com longos mantos e capuzes pretos e nomeados por números) e o final da história se desenvolve dentro do mais importante prédio público do país: a Casa Branca. O herói avista o número 1 da organização – o líder – e o persegue até o Salão Oval (a sala presidencial), local onde consegue encurralar o inimigo e, ao retirar o capuz do rosto dele, o Capitão América descobre que o líder do Império Secreto era uma figura conhecida (pela expressão no rosto do Capitão, o local e a reação final, pode se sugerir que se tratava do próprio presente dos EUA – Imagem 7).

**Imagem 7:** *Captain America and Falcon* número 175, de de Julho de 1974, p.19.



Fonte: Marvel Comics.

Novamente, um roteirista do Capitão América voltou a relacionar ele com questões políticas reais de sua época, pois nesse período podemos ver o caso Watergate em tela

(episódio que envolveu diretamente o próprio presidente dos EUA), no qual o presidente Richard Nixon (1969-1974) teve que optar pela renúncia ao invés de sofrer um processo de impeachment. Na capa da edição seguinte, o herói deixa o uniforme (Imagem 8) e inicia uma jornada de autoconhecimento (de certa forma assim como o povo estadunidense que não confiava mais no próprio governo e nas autoridades), sete edições posteriores, Steve Rogers volta a vestir o uniforme do Capitão América – edição 183 de Março de 1975 (Imagem 9) –, não para ser identificado com um governo ou com uma instituição, mas com os princípios que construíram o “sonho americano”, uma terra de liberdades, igualdades e justiça.

**Imagem 8:** *Captain America and Falcon*, número 176, de agosto de 1974 e **Imagem 9:** *Captain America and Falcon*, número 183, de Março de 1975, p.19.



Fonte: Marvel Comics.

Não é estranho, então, perceber que, novamente, as maiores tiragem das HQs do Capitão América foram justamente aquelas em que os roteiristas buscaram inspiração na realidade para seus enredos criativos. Agora, dando um salto sobre os anos 80, 90 e 2000 (não desconhecendo que há muitos outros enredos oportunos para serem analisados e que podem potencializar a compreensão da História das Relações Internacionais), queremos avançar

sobre os anos posteriores para estudar questões mais presentes e justamente para proporcionar aos pesquisadores de História das Relações Internacionais as possibilidades de problemas e análises que podem ser realizadas por meio das HQs.

### Uma “nova América”

A década de 2010 foram anos agitados na Marvel, pois no ano de 2012 foi lançado um projeto – audacioso – de reestruturação dos personagens da editora e zerada a numeração dos títulos até aquele momento. Essa iniciativa recebeu o nome de Marvel Now, no Brasil foi batizada de Nova Marvel e o título do Capitão América foi reiniciado (Imagem 10).

**Imagem 10:** *Capitão América e Gavião Arqueiro* número 1, de Outubro de 2013.



Fonte: Marvel Comics.

No final dessa série (em fevereiro de 2017 no Brasil), o Capitão América passa por uma situação nova, perde o soro do supersoldado (que era o que lhe mantinha jovem e forte ao longo do tempo, garantindo seu ar jovial) e Steve Rogers acabou por perder sua “eterna” vitalidade e poder e recebe em seu corpo – rapidamente – o peso dos anos. Sem condições para desempenhar seu papel como Capitão América, entrega seu escudo para Sam Wilson, o Falcão, e o ajuda como uma espécie de mentor para o novo Capitão<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Como já vimos, não seria a primeira vez que o escudo e o uniforme do Capitão América seriam utilizados por outra pessoa que não Steve Rogers. Além de William Burnside e Sam Wilson, James “Burky” Barnes (que se

Em março de 2017, no Brasil, dando seguimento ao plano de reestruturação dos personagens, a Marvel lançava a segunda fase de seu projeto editorial, intitulada All-New Marvel Now (no Brasil recebeu o nome de Totalmente Nova Marvel), agora não só reiniciando a numeração como antes (só isso já foi uma grande mudança, recorde que nem no período de retomada do título, após anos de ausência, a numeração fora reiniciada), mas apresentando novos indivíduos que assumiam o manto de um herói clássico: Coração de Ferro, Riri Williams, passava a usar a armadura do outrora Homem de Ferro e Jane Foster assumia o martelo e se torna a nova Thor, para mencionar algumas mudanças.

Nos EUA, a revista do Capitão América ganha um subtítulo: Sam Wilson (publicada em dezembro de 2015), no Brasil a publicação antes dividida com o personagem Gavião Arqueiro, ganha título próprio: Capitão América (publicada em março de 2017 - Imagem 11).

**Imagem 11:** *Capitão América*, número 1.



**Fonte:** Marvel Comics.

Essa nova fase do Capitão América ficou a cargo do roteirista Nick Spencer e esse conduziu o personagem para situações muito mais próximas aos debates reais que os EUA estavam vivenciando nos últimos anos, como questões relacionadas à segregação racial e a

---

imagina estar morto) também o vestiu. Sobre este último e toda a responsabilidade que sobreveio ao primeiro parceiro de Steve Rogers, recomendamos ver: BRUBAKER, 2015.





política migratória, não fora a aleatória a escolha da frase que aparece abaixo do logo da editora e ao lado do título na capa da edição inaugural desse novo Capitão América: “O fardo de Sam Wilson”. Esse fardo – empunhar o escudo e ser o Capitão América – muito mais do que ser algo glamoroso como fora outrora, apontava para os desafios que os “embates” teriam na vida do personagem Sam Wilson, envolvendo-o em questões éticas, políticas e morais que iriam tencionar a percepção de muitos sobre o “novo” herói.

Logo da edição de estréia, Sam Wilson, um afro-americano, é confrontado com sua ação de se posicionar sobre as fissuras e disputas que permeiam a sociedade estadunidense (não atuando mais, como Steve Rogers o fizera, para uma agência secreta do governo - SHIELD), mas sendo senhor de suas “batalhas” ou “missões”, falando publicamente sobre questões envolvendo os homossexuais (participa de uma passeata gay), imigrantes e questões raciais; pois bem, o mesmo foi censurado, criticado e até mesmo foi alvo de campanhas para que devolvesse o escudo do Capitão América, pois, como uma aeromoça lhe dissera “com certeza, você não é meu Capitão América”.

Ainda no número inaugural, há a história mais trabalhada na edição em que o herói está num avião indo para o estado do Arizona (fronteira com o México) para procurar o neto latino de uma senhora, chamado Joaquim, jovem que atuava como uma espécie de “samaritano”, ajudando aqueles que estavam realizando a travessia do México para os EUA, colocando ao longo do caminho água, comida e remédios para esses, mas que naquele momento estava desaparecido e em risco por causa dos Filhos da Serpente, supremacistas anti-imigração e racistas. Assim, na primeira edição da HQ foi colocada em tela a questão da imigração para os EUA.

Não é aleatória a escolha do local que o roteirista fez para a primeira missão do embaixador, pois justamente nesse estado, em 29 de julho de 2010, entrou em vigor a lei de imigração, a qual autorizava a polícia a interrogar todo e qualquer imigrante sobre sua situação legal nos EUA<sup>10</sup>.

Este senso de consciência social do personagem é imposto pelo roteirista Nick Spencer de forma cabal ao longo do título, pois a cada mês surge um tema da atualidade estadunidense que afronta Sam Wilson e o faz tomar uma posição sobre o mesmo, sendo significativo perceber a avaliação popular dessas ações que são magistralmente apresentadas pelo roteirista

---

<sup>10</sup> G1. **Arizona enfrenta boicote por causa de lei de imigração.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/04/arizona-enfrenta-boicote-por-causa-de-lei-de-imigracao.html>>. Acesso em 20/02/2020.



quando o personagem utiliza suas redes sociais (uma excelente estratégia para que o leitor consiga imaginar a pressão da opinião pública sobre o herói).

Contudo, os problemas (atuais) do herói só estavam crescendo, com uma baixa popularidade e nas redes sociais crescendo as mensagens de “Devolva o escudo” e “Você não é meu capitão”, o Capitão América, nas edições seguintes, foi colocado diante de uma iniciativa privada de segurança chamada de Americops, que contava com apoio legal e social de políticos e da mídia. As áreas que o empreendimento utilizou para realizar suas atividades iniciais de segurança foram bairros cuja população era majoritariamente negra e esses utilizavam de violência gratuita contra a população; as ações chamam a atenção de um conhecido de Sam Wilson – Rage –, um ativista contra o racismo.

O Capitão América foi confrontado várias vezes pelos Americops, mas não se posicionou contra ou a favor de seus atos, entrando num dilema enquanto afro-americano por um lado e como herói que veste o manto do país por outro. Mas essa indefinição teve um fim quando Rage foi preso por um mal entendido, espancado na rua pelos Americops e na prisão por criminosos que ele colocou lá, essa última agressão o deixou em coma. A nova situação fez Sam Wilson repensar seu papel como Capitão América e o levou a abandonar o escudo (Imagem 12), não sem antes afirmar numa *live* para o país que:

“[...] se é para vestir a bandeira, é preciso acreditar nela completa e integralmente. É para acreditar que você está representando o certo e o bom. Eu amo meu país... mas não posso endossar o que estou vendo agora. Não quando um jovem herói negro jaz numa cama de hospital, gravemente ferido, por causa de um sistema que não pratica o jogo limpo que prega” (SPENCER, 2018, p. 19).

**Imagem 12:** Contracapa de *Capitão América*, número 17, de Julho de 2018. Arte semelhante à realizada na Imagem 8, de 1974.



**Fonte:** Marvel Comics.

Não são novas as tensões raciais nos EUA, as agressões de policiais contra negros, por exemplo, levou ao movimento Black lives matter (Vidas negras importam)<sup>11</sup>, mas também a marcha de cunho racista de Charlottesville<sup>12</sup>. Segundo o portal de monitoramento da violência polícia nos EUA<sup>13</sup>, a polícia matou no ano de 2020 1.114 pessoas, desse número 28% dos mortos são negros, muito embora os afro-americanos representem apenas 13% da população estadunidense.

Frente a essa situação estrutural, o roteiro de Nick Spencer e a arte de Daniel Acuña são por demais relevantes como objeto de denúncia mundial (um *soft power* ao *inverso*) sobre as situações que os EUA estão - historicamente - passando e sem previsão de superar. Por mais

<sup>11</sup> Esse movimento começou no ano de 2013 como um movimento virtual utilizando a *hashtag* #BlackLivesMatter após a absolvição - de todas as acusações - de George Zimmerman pela morte a tiros do adolescente afro-americano Trayvon Martin. O movimento ganhou notoriedade a partir das várias manifestações de ruas devido à morte. Após essa ação, muitas outras tiveram seguimento, como no ano seguinte após a morte de mais dois afro-americanos em circunstâncias semelhantes. Sobre o movimento, ver: **Black lives matter**. Disponível: <<https://blacklivesmatter.com/>>. Acesso em 20/01/2020.

<sup>12</sup> Nesta cidade (do estado sulino da Virgínia) foi organizada uma manifestação (marcha intitulada “Unir a Direita”) pela extrema-direita devido a planos da administração da cidade de remover a estátua de Robert Lee, que foi um general do exército confederado, o qual os extremistas reivindicavam como um dos símbolos do poder branco, Lee lutou pela manutenção da escravidão no país. Nessa manifestação houve o enfrentamento de supremacistas brancos com adeptos de grupo anti-racismo. O saldo foi várias pessoas feridas e uma morte devido ao atropelamento de um grupo de pessoas que era contra a manifestação. Para mais informações sobre o ocorrido noticiado na imprensa, recomendamos ver: BBC. **Charlottesville:** supremacistas brancos e grupos antirracismo entram em confronto. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40913908>>. Acesso em: 20/01/2020.

<sup>13</sup> **Mapping police violence**. Disponível em: <<https://mappingpoliceviolence.org/>>. Acesso em: 31/12/2020.



que o país se veja e se apresente ao mundo como um baluarte dos direitos humanos, se perceba como *beacon of mankind* (farol da humanidade) e até o herói embandeirado tenha a alcunha de “Sentinela da Liberdade”, é difícil não se questionar ao ver e ler essas páginas das HQs e recordar dessas situações reais vivenciadas pelo país.

Por 20 edições (aqui no Brasil), Spencer apresentou ao leitor uma significativa contribuição sobre a construção desse “novo” Capitão América, com profundidade pouco vista nas HQs do Capitão América, entrelaçando temáticas relacionadas a imigração, questões raciais, homossexualismo e violência policial.

Essas ações já apresentam uma crítica sobre a política xenofóbica que no passado deu o tom da sociedade estadunidense, mas que ainda continua vivo, pois não podemos esquecer que no ano de lançamento do título nos EUA o presidente era um afro-americano Barack Obama (2009-2017) que, dentre outras ações, tinha assinado o Affordable Care Act<sup>14</sup> (que foi uma lei para o governo regular os preços dos planos de saúde e que expandia os planos de seguros públicos e privados para uma maior parcela da população) e a lei que revogou a política *don't ask, don't tell*, que proibia homossexuais assumidos de servirem nas forças armadas do país<sup>15</sup>, medidas questionadas, principalmente pela extrema-direita.

Em maio de 2016, temos o retorno de Steve Rogers a sua forma jovem e a publicação de duas revistas concomitantes do Capitão América, diferenciadas nos EUA pelo subtítulo: Sam Wilson e Steve Rogers, no Brasil as revistas foram publicadas no mesmo título (Imagem 13). Nas edições do capitão Sam Wilson, foi dada visibilidade para heróis pertencentes às minorias sociais como Misty Knight, uma mulher afro-americana, e o novo Falcão, um jovem latino-americano chamado Joaquin (aquele rapaz da primeira história de Sam Wilson como Capitão América).

---

<sup>14</sup> Sobre os prós e contra dessa política, recomendamos ver: **The pros and cons of Obamacare**. Disponível em: <<https://www.healthline.com/health/consumer-healthcare-guide/pros-and-cons-obamacare#cons>>. Acesso em: 20/01/2020.

<sup>15</sup> HULSE, Carl. Senate repeals ban against openly gay military personnel. **The New York Times**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2010/12/19/us/politics/19cong.html>>. Acesso em 20/01/2020.

**Imagem 13:** *Capitão América*, número 7, de Setembro de 2017.



**Fonte:** Marvel Comics.

Habilmente, Nick Spencer retrata, agora em dois títulos, a crescente onda de caráter fascista que os diferentes setores sociais dos EUA estavam vivenciando (transparecendo nas postagens em redes sociais, passando pelos programas de televisão até as estruturas políticas). Como já mencionamos, as histórias do roteirista começam a ser publicadas nos últimos meses do governo Obama (primeira edição em dezembro de 2015) e se concluem após a eleição presidencial de Donald Trump, que se elege com uma plataforma que defendia, entre outras posturas, a construção de um muro na fronteira dos EUA com a México para evitar a migração ilegal para o país, além de posições contrárias a alguma restrição ao armamento da população, a união homoafetiva e a negação da violência de policiais contra negros<sup>16</sup>.

Ainda mais, o roteiro de Spencer se aprofunda nos entremeios da realidade quando o Capitão América original, que deveria de ser um “Arauto da Liberdade” (como também é descrito nas HQs), o *beacon of mankind*, e representar todo o virtuosismo que a nação estadunidense alega possuir, se revelou como um agente secreto da Hydra (Imagem 14), uma organização nazista, sendo ele o líder supremo dessa organização que acaba por impor um regime ditatorial ao país, revestido de caráter democrático, mas que defendia interesses

<sup>16</sup> BBC. **O que pensa Trump:** 30 propostas e declarações polêmicas do presidente eleito dos EUA. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37921156>>. Acesso de 20/01/2020/

próprios de seus apoiadores (fazendo Sam Wilson retomar o uniforme e lutar contra seu mentor). Infelizmente, pela limitação imposta para este texto, teremos que analisar essa nova fase do Capitão América Steve Rogers em outra oportunidade, mas é significativo perceber que a construção dos enredos envolvendo o Capitão América se dá em período semelhante à mudança de postura assumida pela Casa Branca tem temas como os apresentados nas histórias do embaeirado.

**Imagem 14:** *Capitão América* número 7, de Setembro de 2017, p.46.



**Fonte:** Marvel Comics.

### **Considerações finais**

As Histórias em Quadrinhos podem ser muito mais úteis do que simples leituras de entretenimento, nelas podemos ver, analisar e problematizar questões políticas, econômicas e sociais. O campo de atuação do pesquisador em História das Relações Internacionais deve ser alargado para esse tipo de fonte e perceber nela possibilidades reais de pesquisa e ensino, despertando não só nos jovens o interesse por temas ligados as relações internacionais, mas também se valer propriamente dessa fonte como objeto de investigação para compreender como a produção cultural está a perceber e representar a vida cotidiana nas páginas das HQs - um produto de consumo de massa e vendido mundialmente. As HQs do Capitão América são repletas de histórias que podem ser descritas e analisadas, pois elas não apresentam um personagem ultrapassado ou mesmo que possui características unilaterais, mas um personagem cada vez mais vivo e, por meio de seus roteiristas e artistas, participante de eventos - direta ou indiretamente – reais (se no início das histórias do embaeirado suas



edições e histórias ficavam restritas ao solo dos EUA, hoje são um produto consumido em escala global, por milhares de indivíduos). Aqui, tivemos a oportunidade de analisar um pequeno fragmento de histórias que foram publicadas nas HQs do Capitão América, entre os anos de 2017 e 2018 (perfazendo 20 edições), as quais apresentavam e discutiam questões da própria sociedade estadunidense, histórias que romperam as fronteiras nacionais e ganharam o mundo.

## Referências

- BRUBAKER, Ed. **Capitão América: a flecha do tempo**. Barueri/SP: Panini Books, 2015.
- DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo império perecerá**. Teoria das relações internacionais. Brasília: Edunb, 2000.
- HOBBSBAWN, ERIC. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.
- HOWE, Sean. **Marvel Comics: a história secreta**. São Paulo: LeYa, 2013.
- NYE, Joseph S. **Bound to lead: the changing nature of american power**. New York: Basic Books, 1990.
- NYE, Joseph. **Soft power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Os Estados Unidos e o século XXI**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- RENOUVIN, Pierre (Org.). **Histoire des relations internationales**. (3 tomos). Paris: Hachette, 1994.
- SPENCER, Nick. **Capitão América número 17**. São Paulo: Panini, 2018.
- STUENKEL, Oliver. **O mundo pós-ocidental: potências emergentes e a nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- VELHO, Ana Paula Machado. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 10, n. 23, nov. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22315>>. Acesso em: 15 out. 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.7213/rec.v10i23.22315>.
- VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: BARBOSA, Alexandre. et al (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de história. BARBOSA, Alexandre. et al (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. **O mundo pós-Guerra Fria: o globalização, terrorismo e multipolarização**. Porto Alegre: Século XXI, 2005.



**EDITORA E GRÁFICA DA FURG**  
**CAMPUS CARREIROS**  
**CEP 96203 900**  
**editora@furg.br**